

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Gregório Magno e o estatuto da imagem no ocidente cristão
uma introdução historiográfica**

Lucy Cavallini Bajjani*

Resumo: A epístola de Gregório o Grande a Serenus, bispo iconoclasta de Marselha, datada do ano 600, deu à cristandade ocidental a justificativa para a existência das imagens. Escrita em um momento no qual se lutava contra a idolatria pagã, a carta continha a idéia de que uma das funções das imagens é a de ensinar aos iletrados o que está escrito na Bíblia, idéia que foi retomada durante os séculos seguintes, e que perdurou, pelo menos, até o século XII. O objetivo desta comunicação é fazer uma breve introdução historiográfica desta epístola, e iniciar uma reflexão sobre sua recepção no mundo carolíngio, através dos *libri carolini*.

Palavra-chave: Gregório o Grande – imagens – *libri carolini*.

Resumo: L' épître que Gregoire le Grand à écrite à Sérénus, évêque iconoclaste de Marseille, datée de l'an 600, a donné à la chrétienté occidentale la justificative pour l'existence des images. Écrite à un moment où l'on se battait contre l'idolâtrie païenne, la lettre contient l'idée que l' une des fonctions des images est celle d'enseigner aux illettrés ce qui est écrit dans la Bible, idée reprise aux siècles suivants, et qui a duré, au moins, jusqu'au XIIe siècle. Cette communication propose une breve introduction historiografique de cette épître et amorce une réflexion sur la façon dont elle a été reçue dans le monde carolingien à travers les *libri carolini*.

Palavra-chave: Grégoire le Grand – images – *libri carolini*.

O tema desta comunicação é parte de nossa pesquisa que se inicia, cujo objeto é uma das epístolas escritas entre os anos 599 e 600 por Gregório o Grande (590-604) ao bispo Serenus de Marselha. Aqui, apresentamos uma breve introdução historiográfica sobre o assunto.

Começo este texto justificando o uso da palavra “imagem” em lugar de “arte” no título. De acordo com Jérôme Baschet (2006:481), por exemplo, “imagem”, se adapta melhor à produção artística medieval do que “arte”, já que essa última nos remete a um conceito forjado entre o Renascimento e o século XVIII, muito mais próximo à nossa realidade do que daquela vivida pelos homens da Idade Média. Para Baschet, portanto, falar em “arte” para se referir à Idade Média - período no qual a noção operatória da imagem não é a mesma que a atual - seria um anacronismo. Ainda para o autor, que, ao se referir à Idade Média, usa o

*Universidade de São Paulo, mestranda.

conceito de imagem-objeto, o próprio uso da palavra “imagem” exige cuidados, já que empregada sozinha pode ser confundida com o conceito de arte.

Por imagem, neste trabalho, entendemos aquela produzida pelos homens, ou o que Gregório chama por *omne manufactum*¹, uma vez que alguns autores como Jean Claude-Schmitt (2006: 593) afirmam que a sociedade medieval é imagética por excelência. Para ele, mesmo que nem todos os sentidos do termo *imago* sejam compreendidos por nós, esta é uma noção central para o período, que remete, não apenas aos objetos, mas às imagens mentais e de linguagem. Para François Boespflug (2002:703), imagem, ou *imago* pode ser definida como toda figuração de suporte material, e é uma marca do cristianismo, pois os cristãos, diferente de judeus e muçulmanos, “têm”, possuem, imagens.

Durante toda a Idade Média, a discussão sobre a legitimidade da existência de imagens no mundo cristão dividiu opiniões. Ainda no século XII, encontramos em Suger e Bernardo de Clairvaux, opiniões bastante diferentes sobre o tema. Jérôme Baschet (2006:482) afirma que a sociedade medieval enfrentou questões sobre, quando lícito, de que tipos e para quais usos se poderia produzir imagens. Nos primeiros séculos do cristianismo, isso acontece, principalmente pela associação do culto de imagens aos cultos pagãos. De acordo com R. A. Markus (2003:57), à época de Gregório, apesar de Roma já ser radicalmente cristianizada, a situação fora dos limites da cidade nem sempre era a mesma.

A epístola que é objeto deste estudo foi escrita pelo papa Gregório. Nela, ele se posiciona contra a destruição de imagens, praticada por Serenus, que havia, de acordo com Herbert Kessler (1985:75), “destruído as imagens dos santos, com a desculpa de que não deveriam ser adoradas”². A atitude do bispo, que Gregório define como intemperada, teria, escandalizado seus filhos, ao ponto que a maior parte deles se afastou da comunhão com Serenus.³

Apesar de ser originalmente um documento pessoal, e uma resposta específica ao ato iconoclasta do bispo (Kessler, 1996:179), a carta adquire grande importância para as

1 Feita pelas mãos dos homens.

2 “...Bishop Serenus of Marseilles, who had ‘broken the images of saints with the excuse that they should not be adored’”.

3 “Haec autem dum in hoc animi tui incaute nimis motu exsequeris, ita tuos scandalizasse filios perhiberis, ut maxima eorum pars a tua communione suspenderet” Epistola XI, 10, *Registrum Epistolarum*, ed. Città Nuova Editrice, 1999.

discussões sobre imagem ao longo dos séculos seguintes. De um modo geral, os autores lidos até o momento, se preocupam mais com a recepção desta epístola ao longo da Idade Média do que com o contexto em que foi escrita.

Para Herbert Kessler (1985:76), algumas razões das releituras de seu conteúdo são sua influência agostiniana e autoridade papal. Ele afirma que o reconhecimento da imagem como instrumento de ensino da história sagrada para os iletrados não é de Gregório; dois séculos antes, Paulinus de Nola já havia pensado os ciclos narrativos como meio através do qual se podia ensinar os que não sabiam ler. Depois dele, outros também aceitaram o uso de imagens para tal fim, entre eles um contemporâneo do papa, Hypatius de Ephesus. Kessler afirma que a idéia era parte do senso comum da época. O que o papa fez foi transformar o senso comum em diretriz para a arte missionária.⁴

Em sua epístola, Gregório atribui às imagens algumas funções, entre elas, e a que ficou mais conhecida - e que segundo Kessler (1996:179), se tornou a principal função das imagens para o Ocidente Latino - estava a de educar ou instruir aqueles que não sabiam ler:

“Uma coisa é adorar uma pintura, outra coisa é aprender pela história (que conta a) da pintura o que deve ser adorado. Pois o que a escrita fornece aos que lêem, é o que dá a pintura aos ignorantes (idiotis), porque nela os ignorantes devem ver o que devem seguir, nela lêem os que não conhecem as letras; daí, sobretudo, para os gentios, ser a pintura como uma leitura”⁵.

O contexto em que foi escrita, é

“...marcado pela preocupação de conversão dos pagãos e pela necessidade de defender a imagem nas circunstâncias criadas pela iconoclastia de Serenus. É por isso que o papa deve legitimar a imagem, aproximando-a da única fonte de verdade reconhecida por todos: as Escrituras. “ (Bachet, 2006:484)

Além de instrumento no ensino das histórias sagradas aos iletrados, Gregório atribui às imagens⁶, segundo Didier Méhu (2006:191), as funções de tornar visível o invisível – pensamento que será retomado por Hugo de São Vitor séculos mais tarde – apelar à emoção, e, por isso deveria ser executada com cuidado, e, assim como a escrita e a palavra, ensinar as verdades fundamentais.

4 “Pope Gregory, however, transformed the ancient commonplace into a directive for missionary art”.

5 “Aliud est enim picturam adorare, aliud per picturae historiam quid sit adorandum addiscere. Nam quod legentibus scriptura, hoc idiotis praestat pictura cernentibus, quia in ipsa ignorantes vident quod sequi debeant, in ipsa legunt qui litteras nesciunt; unde praecipue gentibus pro lectione pictura est.”

6 Não no mesmo documento.

O fato de pensar a imagem como possibilidade de via de conhecimento da história sagrada pelos iletrados, não significa que Gregório atribui a esta o mesmo estatuto que à letra ou à palavra. A escrita, de acordo com Michael Camille (1996:91), é um sistema de comunicação superior, e ambos são caminhos para o objeto de veneração: Deus. Dois séculos mais tarde, Teodulfo de Orléans, um dos autores dos *libri carolini*, afirma que o uso de imagens, desenvolvido entre os pagãos, não pode ser equivalente aos livros das leis sagradas, já que é a partir destes que os cristãos são instruídos da doutrina espiritual (Kessler, 1996:180).

A atribuição às imagens da função de instruir os iletrados, será retomada, mais de uma vez, para justificar a sua produção até o fim da Idade Média. Mesmo para aqueles que se opunham a elas, como Bernardo de Clairvaux, a idéia de que podiam representar a história sagrada serviu de argumento para que se permitisse o seu uso pelos cristãos (Kessler, *idem*).

O conteúdo da carta foi muitas vezes relido e reelaborado de acordo com o momento histórico em que isso ocorria. Aqui, citamos alguns trabalhos sobre essas reapropriações.

Michael Camille, no artigo *The Gregorian definition revisited: writing and the medieval image*, dedicado a essas retomadas, pensa a recepção da carta, desfazendo a confusão que atribui ao papa, erroneamente, a expressão de “Bíblia dos iletrados”, que, segundo ele, só surge no século XIII, escrita por Alberto, o Grande. A confusão se dá na troca do que Gregório teria chamado de *litteras*, que, ao contrário do que se crê, não se refere à palavra escrita, mas ao que Isidoro de Sevilha teria chamado “formas indicando vozes”, e, portanto, a palavra dita. Camille (1996:93) afirma que o que Gregório deu a entender em sua carta a Serenus, é que as imagens não devem ser tão associadas com o texto escrito, mas com a leitura, *lectio*, como arte vocal⁷.

Camille se propõe pensar, na contramão de outros estudos, como as imagens iniciam novos textos. A perspectiva do autor se diferencia pois, em sua maioria, os estudos de imagem durante a Idade Média focam como o texto dá suporte à imagem.

7 “What Gregory meant in his letter to Serenus, is that images are not to be associated so much with writing as text, but reading, *lectio* – as vocal art.”

Na continuação do artigo, o autor escreve sobre as releituras da epístola em outros dois períodos, que chama por *High e Late Middle Ages*. Neles, acontecem as mudanças mais interessantes quanto ao estatuto da imagem, apontadas pelo autor. De acordo com ele, na “Alta Idade Média”, entre os séculos XII e XIV, a carta é retomada não para elevar a função das imagens, mas porque o estatuto do texto muda, e este se torna um importante modo de comunicação. Na “Idade Média Tardia”, o próprio Gregório Magno se torna foco de uma pintura sobre o estatuto da imagem, em um quadro que apresenta uma visão durante a missa rezada pelo papa. Entre os séculos XIV e XV - momento em que a imagem se torna fonte de autenticidade em lugar do texto -, a figura de Gregório, ou sua representação, passa a ser associada a imagens miraculosas,.

Se a existência de imagens no cristianismo teve que ser, ao longo dos anos, incorporada e aceita, para Kessler (1996:188), o fato de cristãos poderem representar Deus, os difere dos judeus, uma vez que os primeiros viram Deus através de Seu Filho, e, portanto, podiam representá-lo em sua forma carnal. Em um outro texto, o mesmo autor escreve que o movimento do texto para a imagem (Kessler, 2004:92) recapitulava aquele da aliança. escrita dos judeus para a Encarnação visível dos cristãos,⁸ sendo, dessa forma, uma atividade espiritual.

Kessler (1996: 194) afirma que, por volta do século XII, a função da imagem já não está restrita àquela proposta por Gregório. Isso não significa dizer que não se recorresse mais a seu texto, ao contrário, entre os escolásticos ainda se pensava nas imagens como instrumento na recordação de eventos passados, mas não como meio de elevar a mente em direção a Deus. Isto quer dizer, sim, que, apesar de uma desconfiança que persistiu através dos séculos, a imagem, e a própria representação do Deus enquanto Homem, adquirem um significado diferente no século XII. No período, também, outras questões, muitas vezes de cunho mais teológico, se colocam ao uso de imagens.

No século IX, o texto de Gregório foi apropriado na elaboração dos *libri carolini*, escritos em 794 em resposta ao segundo concílio de Niceia, do ano de 787. Este último “reabilita por uma primeira vez no Oriente o o culto às imagens”. (Baschet, 2006:483). J.-C-

8 “...recapitulated the abrogation of the written covenant of Jews to the visible Incarnation of the Christians”.

Schmitt (2006:400) escreve sobre a repercussão do concílio em Aix-la-Chapelle, onde o imperador se posiciona contra a iconoclastia. O resultado dessa oposição são os *libri carolini*:

“O segundo concílio de Nicéia, de 787, que deu aos adoradores de imagens uma vitória momentânea, repercutiu em Aix-la-Chapelle, levando o imperador a posicionar-se contrariamente aos adoradores de imagens e à iconoclastia. Em 794, reuniu em Frankfurt um concílio que discutiu o status das imagens. As discussões resultaram em um texto célebre, a *Capitulare de imaginibus*, mais conhecido com *Libri Carolini*, cujo conteúdo reúne uma série de princípios e critérios que passaram a regulamentar a elaboração das imagens”.

De acordo com Ann Freeman (1957:663), que se dedicou ao estudo da autoria dos *libri carolini*, o posicionamento de Carlos Magno e seus teólogos contra as decisões do Concílio, teria sido fruto de uma tradução mal feita dos documentos do mesmo, que fez com que houvesse uma falta de entendimento dos problemas da iconoclastia pela corte o imperador.

No artigo *Evangelhos Carolíngios Iliminados*, Maria Eurydice Ribeiro (2005:400), em uma referência a Jean Wirth, afirma que há nos *libri carolini* o reconhecimento do valor pedagógico da imagem, e que a representação de retratos sagrados, só é aceita quando em ciclos narrativos. Por outro lado, o texto nega à imagem valor espiritual. A afirmação é confirmada por Joachim Gaehde (2002:158), que escreve que os *libri carolini* reconheciam a função didática e estética das imagens, mas rejeitavam sua veneração, que havia sido confirmada no concílio de Nicéia.

Como foi escrito a primeira página deste texto, a pesquisa está no início. Ao longo de seu desenvolvimento temos por objetivo focar o estudo na epístola de Gregório o Grande, e pensar sua recepção no reino franco, inclusive na sua retomada pelos teólogos de Carlos Magno nos *libri carolini*.

Referências Bibliográficas

BASCHET, Jérôme, *A civilização feudal – Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

BOESPFLUG, François, verbete “Images” in *Dictionaire du Moyen Âge*, org. C. Gauvard, A. de Libera e M. Zink. Paris: Presses Universitaires de France: 2002.

CAMILLE, Michael, “The Gregorian definition revisited: Writing and the medieval image”,

in *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*, org. J.-C. SCHMITT et J. BASCHET. Paris: Le Léopard d'or, 1996 (Cahiers du Léopard d'or, 5).

FREEMAN, Ann, “Theodulf of Orleans and the libri carilolini” in *Speculum – a journal of mediaeval studies*, 1957 (número 32).

FREEMAN, Ann, “Further Studies in the *libri carolini* III. The marginal notes in Vaticanus Latinus 7207” in *Speculum – a journal of mediaeval studies*, 1971 (número 46).

GAEHDE, JOACHIM E., “A Iluminura Carolíngia” in *História Artística da Europa*, org. G. DUBY e M. LALOTTE. São Paulo: Paz e Terra, 2002

KESSLER, Herbert L., “Pictorial Narrative and Church Mission in Sixth-Century Gaul”, *Pictorial Narrative in Antiquity and the Middle Ages. Studies in the History of Art*. National Gallery of Art, 1985.

KESSLER, Herbert L., “The function of *vitrum vestitum* and the use of *material saphirorum* in Suger’s St. Denis”, in *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*, org. J.-C. SCHMITT et J. BASCHET. Paris : Le Léopard d'or, 1996.

KESSLER, Herbert L., *Seeing Medieval Art*. Canada: Broadview Press, 2004.

MARKUS, R.A., *Gregory the Great and his world*. Cambridge University Press, 2003.

MÉHU, Didier, *Gratia Dei: A Journey Through the Middle Ages*. Quebec: Éditions Fides, 2004.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros, “Evangelhos Carolíngios Iluminados: entre a História e a História da Arte” in *Relações de Poder, Educação e Cultura na Antigüidade e Idade Média. Estudos em Homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro I CIEAM – VII CEAM*, org. Ruy de Oliveira Andrade Filho. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005.

SCHMITT, Jean-Claude verbete “Imagens” in *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, org. J.C. Schmitt e J. Le Goff. Bauru, SP: 2006